

Scalabrini e a Igreja

Nos escritos de Scalabrini (em particular nas Cartas Pastorais e nos Discursos por ocasião das Festas), o tema sobre a Igreja é o mais abordado. Por isso, seria uma tarefa quase impossível, ainda que em síntese, apresentar aqui todo o conjunto de seu pensamento. Neste “dépliant” nos limitaremos a antologizar alguns aspectos que Scalabrini privilegiou e que retornam com freqüência como um “Leit-motiv”, ou que permanecem atuais.

Nos escritos de Scalabrini (em particular nas Cartas Pastorais e nos Discursos por ocasião das Festas), o tema sobre a Igreja é o mais abordado. Por isso, seria uma tarefa quase impossível, ainda que em síntese, apresentar aqui todo o conjunto de seu pensamento. Neste “dépliant” nos limitaremos a antologizar alguns aspectos que Scalabrini privilegiou e que retornam com freqüência como um “Leit-motiv”, ou que permanecem atuais.



Das Cartas Pastorais, queremos recordar aquela de 1877 e a de 1888, inteiramente dedicadas a esse tema, Igreja. Com relação aos Discursos, lembraremos daqueles elaborados por ocasião da Festa de Pentecostes que tratam, em geral, do nascimento da Igreja e de sua natureza. Entre os discursos por ocasião da Páscoa, queremos evidenciar a analogia Igreja-Ressuscitado (1879); a Igreja como civilização cristã (1888); e os triunfos do Ressuscitado na Igreja (1900). Também no discurso sobre a Epifania (1877) e até mesmo em um dos dois únicos discursos sobre a Ascensão, Scalabrini aborda o tema da Igreja “plenificada” por aquele mistério. Enfim, devemos lembrar, dentre os Discursos sobre a Assunção, aquele de “Maria imagem da Igreja” (1882), um dos mais belos e atuais.

“A Igreja é uma sociedade; uma sociedade de natureza inteiramente diferente das outras, porque é sociedade terrena-celeste, portanto, verdadeira imagem do seu Fundador, Homem e Deus ao mesmo tempo. Ela é quase encarnação viva de Jesus

Cristo na terra, uma continuação de sua vida mortal, a sua perpétua manifestação entre os homens” (Páscoa 1900).

Antes de passar à antologia dos seus escritos, vamos ver, em flash, alguns pensamentos dominantes. Scalabrini amou a Igreja, sentindo-a exatamente como a “encarnação viva de Jesus Cristo”; e Jesus Cristo (Dépliant n. 11) é o amor e a verdade do Pai feito carne para a salvação de todos os homens. E amor e verdade será a Igreja, que é a “continuação da sua vida mortal”. Esta Igreja que leva a salvação a todos os homens será, por natureza, uma Igreja missionária; e Scalabrini realizará a sua “procrastinada” vocação missionária de um modo providencial todo novo: mediante a evangelização dos migrantes católicos europeus, que por sua vez “estenderão o Reino de Cristo” no novo mundo. Dizer Igreja e dizer “civilização cristã” é a mesma coisa. E dizer civilização cristã é a mesma coisa que dizer civilização *somente*.



A civilização cristã, criada e alimentada pela Igreja é a civilização do amor operoso, que se exprime pelas obras de caridade.

A Igreja, através dos sacramentos e da palavra, dá ao homem, fraco e errante, a força da graça e a luz da verdade, das quais é pleno o seu Fundador. O Estado, portanto, para não ser míope, deve dar espaço a esta civilização e favorecer e não contrastar ou reprimir a obra da Igreja que a cria e a desenvolve. A Igreja forma o verdadeiro cidadão, porque forma o homem; e forma o homem, porque lhe forma a dimensão moral, tendo ela a única moral perfeita reconhecida para motivar-lhe e sustentar-lhe a fraqueza humana no cumprir a verdade. A Igreja é na história o instrumento de Deus para realizar o seu plano, que é só um plano de salvação, a que todos os homens são chamados. A Igreja sobre a terra partilha o mistério divino-humano de seu fundador: é um mistério de grandeza e de miséria, mas com uma saída final na glória. Nasce daqui um otimismo cristão e

scalabriniano. A Igreja que é **una**, conheceu ao longo dos séculos as divisões, mas deve trabalhar para reencontrar a unidade perdida: com paciência, humildade e esperança. Scalabrini, amante da Igreja “viva encarnação de Jesus Cristo”, não podia não fazer da Eucaristia “extensão da Encarnação de Cristo” o seu primeiro grande amor e não ver na Eucaristia o vínculo da unidade da Igreja, quando afirma que é a Eucaristia que faz a Igreja!

“A Igreja é formada por este sacramento (=Eucaristia). A Eucaristia é o sinal, sob o qual fostes reunidos: “O Senhor nos reuniu com a comunhão do cálice” (Sínodo III, Discurso I).

Antologia

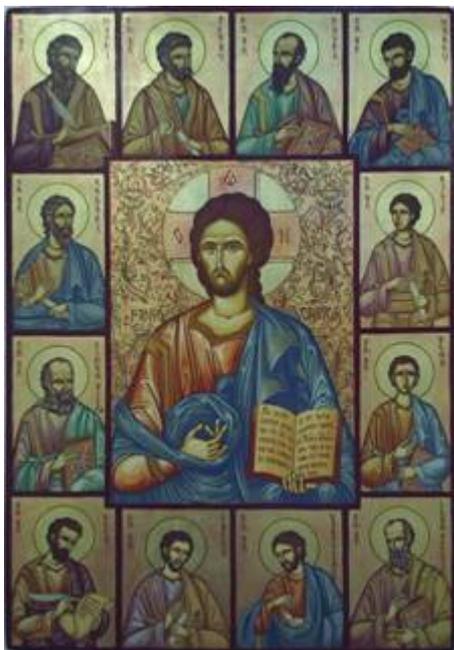
O Milagre da Igreja

O mistério da Igreja reproduz aquele da criação: ambas feitas do “nada” de matéria e Apóstolos. A desproporção entre o efeito e a causa, entre Igreja e Apóstolos, diz que estamos diante de um milagre, que preenche “de indizível conforto” o Bispo que “não sabe separar-se destas considerações” muito consoladoras:

“Jesus Cristo, ao fundar a sua Igreja, quis seguir a mesma conduta tida por Deus na criação do mundo. Esta máquina imensa e maravilhosa que se chama universo; os milhões de astros, que se movem nos céus; esta terra com tanta e variada multidão de seres, tudo foi tirado do nada; tudo tem como seu único apoio e sustento, o vazio, como diz o Profeta: “Deus estendeu o céu sobre o vazio e suspendeu a terra por cima do nada” (Jo 26,7).

E que se poderia desejar de melhor para convencer-nos de que o mundo é obra conduzida pelo infinito poder de Deus?

Pois bem, para que a natureza divina da Igreja resplandecesse aos olhos de todos com evidência irrefutável, Jesus quis que ela fosse por um lado constituída tão solidamente a ponto de não haver força nenhuma, nem mesmo o inferno, que quisesse abalá-la; quis, por outro lado, que a identidade do grande edifício se movesse no nada e se mantivesse precisamente no nada. “E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, – escreve, de fato, o Apóstolo – isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante” (1 Cor 1,28). E por qual motivo? “Desse modo, nenhuma criatura pode se orgulhar na presença de Deus” (1 Cor 1,29). A fim de que também os cegos vissem que a glória de uma obra tão excelsa, tão estupenda, pertence a Deus e não ao homem; a fim de que a origem divina da Igreja quanto mais fosse luminosamente ressaltada, mais inúteis e quase contrários ao objetivo eram os instrumentos por ele usados. Sim, ó diletíssimos, Cristo escolheu seus apóstolos homens pobres, ignorantes, plebeus, desprezíveis além do que seja possível imaginar, comparando sua incapacidade com o nada; isso porque vendo o mundo com os próprios olhos estes seres de nada, transformados após a descida do Espírito Santo em gloriosos triunfadores e condutores dos povos; vendo a Igreja por eles fundada conduzir ao combate com todas as milícias infernais de todas as potências dos tiranos, de toda ferocidade dos algozes, de todo furor dos bárbaros, de toda erudição dos filósofos, de toda a eloquência dos oradores da época; vendo, digo, tudo isto, o mundo pudesse se convencer que duvidar ainda da divindade da mesma, antes que coisa ímpia e perversa, devesse parecer a todos absurda e ridícula. De fato, todas as grandes obras da mão do homem, palácios, por exemplo, templos, cidades, academias, repúblicas, monarquias, impérios, ainda que tanto se diferenciam da excelência desta última, nunca foi que nem mesmo se iniciassem sem um extraordinário aparato de meios e de argumentos proporcionais ao objetivo que quisessem conseguir. Só a Igreja (...) tão bela, tão nobre, tão sublime, - absolutamente



não que fosse um novo Céu, uma nova terra, um novo mundo, uma nova criação, - funda-se por Deus sobre o nada (...), sobre os homens desprovidos de riquezas, leitura, ciências; nem nobres por sangue, nem ilustres por fama, nem potentes pela guerra; mas sobre homens que o mundo considerava como “refugo” (1 Cor 4,13).

Para mim, confesso-vos irmãos e filhos meus, experimento sempre diante destas considerações um indizível conforto e é por isso que gostaria que também a vós este tema trouxesse alívio espiritual. E certamente, uma vez admitido e compreendido este sábio desígnio da eterna Providência, que outro motivo, eu peço, saberia infundir ainda mais no nosso espírito paciência e coragem em meio aos espinhos e adversidades que encontramos com tanta abundância semeados em nosso exílio e com os quais Deus

costuma sempre experimentar as virtudes dos seus eleitos?" (Homilia de Pentecostes, 1892).

A Igreja e o paradoxo de Cristo

A Igreja que é a "encarnação viva de Jesus Cristo sobre a terra", reproduz o destino de morte e de vida. É normal, portanto, que também hoje seja feita sinal de ódio inextinguível: normal, e bom sinal, porque sinal de autenticidade.

"Embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo" (Rm 12,5). Ora, ó diletíssimos, como Jesus Cristo aqui na terra, desde o seu nascimento, experimentou todas as dores de nossa humanidade e foi depois o alvo da ira e das perseguições dos tristes, assim foi e assim deve ser a Igreja, sua fidelíssima esposa.

Vede, de fato: Jesus Cristo foi perseguido e a Igreja é perseguida; Ele foi caluniado e ela é caluniada; Ele sofreu e ela sofre. Todas as dores da paixão de Jesus Cristo nela se renovam continuamente: todos, até mesmo a traição de Judas. Mas a vida de Jesus Cristo não foi só de padecimentos; foi um alternar-se de trevas e de luzes, de humilhações e de grandezas, de sofrimentos e de glória.

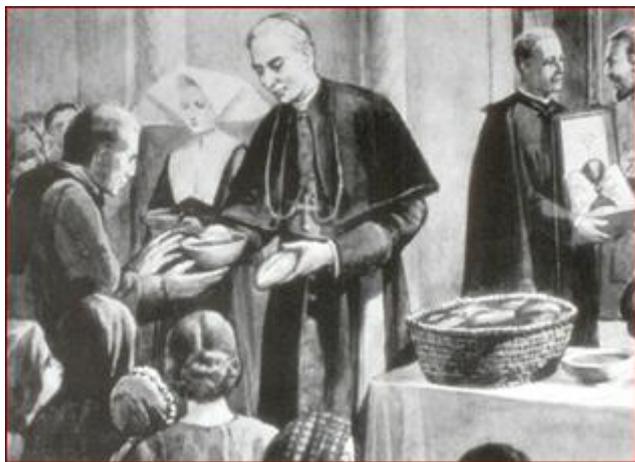
Ele conta apenas poucos dias, mas a sua vinda é anunciada muitos séculos antes por longa série de profetas; nasce em tudo semelhante aos outros nascidos de mulher, mas é gerado por uma Virgem; jaz numa obscura gruta, mas um astro prodigioso o anuncia aos povos; chora entre dois animais, mas é glorificado por coros angélicos; é ignorado pelos conterrâneos, mas vêm de longe adorá-lo os reis do oriente; morre zombado, insultado, amaldiçoado, pelos homens, mas o sol veste-se de negras mortalhas e a natureza toda dá sinais de luto; é sepultado, mas depois de três dias, mais fulgurante que o sol, ressurge, sai impassível, glorioso, imortal daquele sepulcro, em que os seus inimigos acreditavam tê-lo sepultado para sempre.

O triunfo de cada ato seu é sempre a libertação, o fundamento, direi assim, de toda a sua vida. Pois bem: se é verdade, como é verdadeiro, que a Igreja reflete a vida do seu esposo celeste, também isto deveria acontecer com ela, e verificou-se de fato (...). Não tenhais medo, irmãos e filhos caríssimos, se também no presente vedes a Igreja feita sinal às iras dos ímpios, mas pleiteai, ao contrário, argumento a esperar dela novas glórias e novos triunfos; porque, palavra de Deus não se apaga: "Eis que eu estou convosco até a consumação dos séculos" (Homilia de Páscoa, 1900).

A Igreja e a Caridade

As palavras e as obras da Igreja são expressões do mandamento de Jesus, que quer que se ame a Deus com a dimensão de Deus, e se ame o próximo não simplesmente com o amor com que um homem ama Deus, mas com o próprio amor de Deus para todos os homens: com aquele amor que vem de Deus". Amor reconhecível entre todos, porque "os católicos têm os alinhamentos de sua mãe": amam com os fatos, que são também "a efusão do coração". Nas obras de misericórdia não escapa aquela exercida por Scalabrini para com os surdo-mudos. E os migrantes? Scalabrini certamente faz alusão a eles quando fala da "desventura que não envia um gemido" que não seja recolhido "por almas generosas".

A Igreja é nossa mãe e mãe de tal bondade que se revela pelas coisas celestiais. Suas palavras, suas obras e suas leis dão testemunho desta bondade. Como o discípulo amado (São João), nos últimos anos de sua vida só repetia, nas reuniões cristãs, estas palavras:



"Filhinhos, amai-vos uns aos outros"; assim a Igreja não proclama e repete aos seus filhos, senão esta grande lei do amor. Ensina-nos a verdade. Exorta-nos à virtude. Recorda-nos os mandamentos de Deus. Ordena-nos a observância de seus (= da Igreja) preceitos. Faz-nos assistir ao sacrifício eucarístico. Incentiva-nos à freqüência aos Sacramentos. Convida-nos à oração. Propõe os mistérios divinos ao nosso culto. Com cada ato do seu ministério, ela substancialmente nos repete a mesma palavra: amai a Deus, amai o próximo.

Amai a Deus com toda a vossa mente, com todo o vosso coração, com todas as vossas forças; amai o próximo como a vós mesmos, com aquele amor que vem de Deus (...). Este espírito de providencial caridade que forma o seu coração, a Igreja o comunica também aos seus filhos. Os católicos têm as feições de sua mãe. Conhecem-se pela

efusão de seu coração (...). Na Igreja a desventura não manda um gemido que não se repita em mil corações e a cujas almas generosas não respondam (...).

Há crianças abandonadas? Eis um São José Calazans que se dedica a recolhê-los e a educá-los (...). Há crianças rejeitadas? Eis um São Vicente de Paulo, que inflamando com a sua caridade as Damas de Paris, provê para que tenham mães. Os próprios surdos e mudos, aonde encontraram corações que não fossem surdos e mudos à sua desventura, senão na Igreja Católica? Aonde, senão na Igreja Católica, naqueles suntuosos palácios da indigência, verdadeiros arcos triunfais da caridade cristã, recolhem-se e aliviam-se todas as misérias humanas? E o que dizer dos hospitais? Dos asilos de mendicância? Dos Institutos para a recuperação dos escravos, senão do materno coração dela?" (Pastoral sobre a Igreja Católica, 1888).

A Igreja – Comunhão

Também, se em Scalabrini prevalece teologicamente a realidade da Igreja como instituição hierárquica sobre aquela pós-conciliar de Igreja – comunhão (cfr. Dépliant n. 8 sobre o Laicato), esta última é mais do que pressagiada, não só como "povo de Deus" naquela "grande família das almas que aspiram a Deus", mas também naquela imagem comovente do último camponês, que tem a consciência de "sentir-se em comunhão com todo o mundo": antes, com toda Igreja do Céu"

"A Igreja é a grande família das almas que aspiram a Deus, constituída em ordem hierárquica; é o corpo místico de Cristo, do qual nós somos os membros (...). Somos em Jesus Cristo um só corpo, e como no corpo humano, nem todos os membros têm a mesma atividade, assim cada membro da Igreja não exerce a mesma função. No corpo humano, há a cabeça (...) e na Igreja, corpo místico de Jesus Cristo, o Romano Pontífice; existem os Bispos, subordinados ao Romano Pontífice, mas governantes supremos da parte do rebanho católico que dele, pastor Universal, receberam para cuidar e dir-se-ia os olhos (...). Seguem-se os sacerdotes e os outros ministros inferiores que são, por assim dizer, os braços; por último todos os fiéis que são a plenitude e o complemento.

Surge, assim, uma corrente que, partindo do Papa, chega ordenada e hierarquicamente até o último camponês, que enquanto conduz penosamente o arado, no seu campo e tem o espírito de Jesus Cristo, sente-se unido, do mesmo modo que nos sentimos unidos nós (Bispos) mesmos, na fé, na caridade, na obediência ao Papa e à Igreja.

Oh! quanto desejaríamos que vos deliciásseis freqüentemente, com estes pensamentos, tão belos e comoventes! E não é maravilhoso e comovente o fato desta imensa família de fiéis espalhados por todo o mundo, que recitam o mesmo credo, que se alegram com as mesmas esperanças, que vivem do mesmo espírito, que elevam todos a Deus as mesmas orações, que freqüentam os mesmos Sacramentos, que reconhecem o mesmo sacrifício, que obedecem à mesma lei, que ouvem a mesma voz do Pai comum, sucessor dos Apóstolos (...)?

E não é doce para vós, ó pobrezinhos, nossos filhos amadíssimos quando vos recolheis, nos dias festivos, no templo, para assistir aos divinos mistérios, não é doce saber que estais em comunhão com todo o mundo, todos filhos da mesma mãe, que todos igualmente, sem distinção de nascimento, de grau e de educação, todos chamados a ganharem, com o exercício das boas obras, a mesma bem-aventurada imortalidade? Não é bom para vós, saber-vos em comunhão de afetos não só com a Igreja, que combate aqui na terra, as gloriosas batalhas do Senhor, mas com aquela que exulta triunfante no céu? (Pastoral 1888).

A Igreja e a Emigração

"Também hoje, não vede os padres, em bom número, abandonar todas as coisas mais caras para voar em terras distantes para levar com a luz do Evangelho os tesouros da civilização e manter elevada a honra nacional?" (Il prete cattolico, Pastoral 1892).

"E não é talvez a Igreja Católica que envia também hoje os seus missionários para as mais distantes aldeias entre povos mais bárbaros, para trazê-los à civilização ao mesmo tempo de trazê-los à cruz?" (Pastorale 1888, Sulla Chiesa Cattolica).

Dom Scalabrini é o Bispo italiano que ligou o seu nome ao fenômeno migratório, fundando três Instituições, de religiosos (1887), de religiosas (1895) e de leigos (1889) ao serviço dos

migrantes italianos, que por volta do final do século passado emigravam sobretudo para a América. O seu mérito, além daquele de ter adotado para eles uma pastoral “específica”, que consiste na transmissão e conservação de sua fé, mediante a própria cultura (língua, padres, religiosidade popular, etc. nacionais), foi o de ter investido do problema migratório a Igreja universal, que viu nisso um “sinal dos tempos”, a quem fazer sentir a sua presença, “para fermentar com o Evangelho a realidade das transmigrações, e fazer, possivelmente, disso um meio para cumprimento da sua missão” (Igreja e Mobilidade Humana, 1978).

A Igreja Católica – assim pensa Scalabrini no seu célebre memorial ao papa, pouco antes de morrer – é chamada a ocupar-se “deste grande movimento social” não só em força de “seu apostolado divino”, mas também em força da “sua tradição secular”, que é aquela, como dirá bem na primeira conferência sobre “A Emigração italiana na América” (1887), de “colocar ao seguro (=assegurar) as razões das classes trabalhadoras”, de ser “a amiga do povo”, e de despertar o interesse “em prol dos não aptos e deserdados”, como são exatamente, “os filhos da miséria e do trabalho”, isto é, os migrantes. Para a Igreja, a emigração, que faz parte do seu mais vasto problema de trabalho, é um outro sinal dos tempos, pelo qual, “perder a influência sobre o povo seria perder todo o futuro” (Ib.).

A importância deste “Memorial” é enorme: profético anúncio e denúncia, ele tem a sacralidade dos últimos desejos. E esta vontade de Scalabrini o Papa Pio X a realizou sete anos mais tarde, instituindo na Cúria Romana um dicastério “para os emigrantes católicos” de todo o mundo.

“Aquilo que eu vi nas minhas viagens, através dos Estados Unidos da América do Norte e do Brasil, está diante de mim como se estivesse presente e as emoções que experimentei não se apagarão jamais do meu coração (...).

Vi, espetáculo doloroso, a fé se apagar em milhões de almas por falta de alimento espiritual (...).

Vi reflorescer, em populações inteiras, como uma primavera de almas, sob o sopro de um santo apostolado, as práticas da vida cristã e as infáveis esperanças da Religião.

Vi, numa palavra, que se a Igreja de Deus não alcança naquelas regiões maior importância daquela que tem agora, seja na liderança da vida coletiva, seja na individual; se as almas se perdem aos milhões, isto se deve em grande parte, mais que à atividade, embora grande, dos inimigos da fé viva, à falta de um trabalho religioso bem organizado e adaptado a cada ambiente e à deficiência do clero. Tenho firme convicção de que é urgente prover e é grave erro, para não dizer culpa, de todos nós, colocados no governo da Igreja, deixar que se prolongue esse estado de coisas, causa de tanta infelicidade, para as almas e que diminui diante dos inimigos de Deus, a importância social da Igreja Católica. Um dos fatos da história moderna de natureza político-social e, portanto, religiosa (sendo que os fatos humanos, em sua variedade infinita, espelham sempre a unidade psíquica, de onde emanam) é certamente a tomada de posse por parte das nações européias, de todos os continentes habitados (...).

Tal migração espelha uma lei natural. Tanto o mundo físico como o mundo humano submetem-se a esta força obscura que agita e mistura, sem destruir os elementos da vida, que transporta os organismos nascidos em determinados pontos e os dispersa pelo espaço, transformando-os e aperfeiçoando-os para renovar a cada momento o milagre da criação.

Emigram as sementes (...) os animais (...) os homens sempre instrumento daquela Providência que preside e guia os destinos humanos, também através de catástrofes, para a meta, que é o aperfeiçoamento do homem na terra e a glória de Deus nos Céus (...).

A Igreja Católica é chamada pelo seu apostolado divino e pela sua tradição secular a imprimir a sua imagem neste grande movimento social, que tem por fim a restauração econômica e a fusão dos povos cristãos.

Como sempre e em toda parte, ela, também neste grande conflito de interesses, tem uma bela e nobre missão a cumprir, providenciando a conservação da fé, a sua propagação e a salvação das almas, para depois assentar-se, como Mãe comum e rainha, entre os diversos grupos, diminuindo as arestas das várias nacionalidades, moderando as lutas de interesses das diversas pátrias, em uma palavra, harmonizando a variedade das origens, na pacificadora unidade da fé”.

* (Original italiano. Livre tradução de Ivo Prati da Coleção: Beato João Batista Scalabrini, Bispo e Fundador).